

O manual escolar em educação histórica: perspectivas de alunos e professores portugueses do ensino secundário*

*Isabel Afonso***

Resumo. O trabalho a apresentar corresponde a uma parte de um trabalho mais amplo desenvolvido para a tese de doutoramento, cujo enfoque é o papel do manual de História no desenvolvimento de competências históricas, na perspetiva de professores e alunos do Ensino Secundário. Com este trabalho procura-se compreender o uso que uns e outros fazem deste recurso educativo, dentro e fora da sala de aula; que perceções têm sobre as atividades propostas no manual escolar e a relação com o desenvolvimento de competências históricas e o uso que fazem das atividades propostas no manual escolar, num tópico em concreto. A amostra é constituída por 5 professores a lecionar a disciplina de História em diversas escolas do Norte a Sul de Portugal e as respetivas turmas, num total de 112 alunos. Utilizou-se como instrumentos de recolha de dados um guião de entrevista e o manual de História adotado nas diversas escolas. A análise dos dados permitiu identificar perceções e perfis conceptuais de professores e alunos sobre o manual como recurso para o ensino da História e níveis conceptuais do uso das fontes pelos alunos. Este trabalho pode ainda fornecer pistas importantes para a conceção do manual a partir das “leituras” do pensamento dos seus diretos utilizadores.

Palavras-chave: Manuais de história; Recursos no ensino da história; Competências históricas.

The textbook in history education: perspectives of portuguese students and teachers in the secondary school

Abstract. Current research, a segment of a doctoral thesis, focuses on the role of the History textbook in the development of historical competences within the perspective of secondary school teachers and students. The use that some people make of this educational resource, within and outside the class room, is discussed. The perceptions on the activities proposed in the textbook and their relationships with the development of historical competences are investigated, coupled to the activities proposed in the textbook on a specific topic. The sample comprises five teachers of History from several schools from the north

* Artigo recebido em 07/01/2015. Aprovado em 11/02/2015.

** Doutora em Ciências da Educação – área de História. CIEd, Universidade do Minho, Braga, Portugal. E-mail: isabel_afonso@sapo.pt.

to the south of Portugal, and their 112 students. Data, harvested from interviews and the History textbook used in several schools, identified the teachers' and students' perceptions and conceptual profiles on the textbook as a resource for the teaching of History and conceptual levels of the use of sources by students. Current analysis may also provide important factors for the handbook from the 'interpretations' of its users.

Keywords: History textbooks; Resources for the teaching of History; Competences in History.

El manual escolar en educación histórica: Perspectivas de alumnos y profesores portugueses de la enseñanza secundaria

Resumen. Este trabajo es parte de un trabajo más amplio de la tesis de doctorado, cuyo enfoque es el papel del manual de Historia en el desarrollo de competencias históricas, en la perspectiva de profesores y de alumnos de la Enseñanza Secundaria. Se busca comprender el uso que unos y otros hacen de este recurso educativo, dentro y fuera del aula; cuáles son las percepciones que tienen sobre las actividades propuestas en el manual escolar y la relación con el desarrollo de competencias históricas y la resolución de dichas actividades, en un tópico concreto. La muestra está constituida por cinco profesores de Historia de escuelas ubicadas en diferentes latitudes de Portugal y sus respectivos alumnos, sumando un total de 112 estudiantes. Para la recolección de datos fueron utilizados un modelo de entrevista y el manual de Historia adoptado en cada escuela. El análisis de los datos permitió identificar percepciones y perfiles conceptuales de los profesores y de los alumnos sobre el manual como recurso para la enseñanza de Historia y los niveles conceptuales del uso de las fuentes por parte de los alumnos. Este trabajo también puede ofrecer pistas importantes para la concepción del manual a partir de las "lecturas" del pensamiento de sus usuarios más directos.

Palabras Clave: Manuales de Historia; Recursos en la enseñanza de Historia; Competencias históricas.

Introdução

O manual enquanto objeto cultural representa e contém opções culturais mais ou menos explícitas, mais ou menos assumidas e, como tal, valoriza determinados conteúdos em detrimento de outros, salienta Magalhães

(1999). Para Apple (2002) o livro aborda interpretativamente o programa de uma disciplina para determinado ano de escolaridade em termos conceptuais, metodológicos e ainda políticos, culturais e sociais.

O manual escolar como um recurso didático – pedagógico afigura-se como um recurso didático-pedagógico muito importante na ação educativa e, em alguns casos até, determinante das práticas em sala de aula. Sinónimo de saber e espelho do programa, depositário da cultura escolar, o manual escolar tem contribuído para a formação de sucessivas gerações. Talvez por isso tenha recebido, ao longo dos tempos, uma ampla atenção da sociedade.

Na atual legislação portuguesa (Lei 47/2006), o manual escolar deixou de ser entendido, como um *recurso exclusivo* no processo de ensino e aprendizagem, produzindo significativas alterações na conceção de manual escolar e na forma como se entende o percurso escolar do aluno, diversificando as perspetivas em relação ao saber e às fontes de informação a consultar. O *trabalho autónomo* do aluno ganha relevância, o que deverá corresponder, no manual, a propostas de atividades que proporcionem, mais do que a aplicação, a pesquisa em fontes de informação diversificadas e a avaliação de saberes, capacidades e competências definidas no currículo.

Face à cultura da imagem e das novas tecnologias de informação em que estamos inseridos e sendo o manual escolar um recurso educativo entre outros, como se relacionam os seus diretos utilizadores (professores e alunos) com o manual escolar de História?

Embora o manual seja geralmente elaborado de forma a adaptar-se a um aluno “médio”, em abstrato, ele tem um uso muito variado. Sabe-se hoje que aquilo que veicula é entendido de diferentes formas pelos seus destinatários até porque existe uma heterogeneidade de públicos escolares e as experiências e as conceções prévias influenciam essa diversidade de leituras. Que conceções têm os professores e os alunos do manual de História?

Conhecer as formas como alunos e professores fazem a leitura do manual e das atividades aí propostas será de particular importância, na medida em que pode fornecer pistas interessantes que auxiliem a sua conceção e uso, com vista ao seu papel no desenvolvimento conceptual dos jovens, trabalho que começa a emergir em Portugal.

1 Investigação sobre manuais escolares de história

A investigação sobre manuais escolares apresenta-se como um campo de trabalho muito vasto, e em franca expansão nas últimas décadas do século XX e inícios do século XXI, sob diversas formas e para fins distintos: como fonte sobre a textualidade escolar - ideologia; constituição de inventários e catálogos e organização de redes; a exploração metodológica e sistemática de séries temáticas e como instrumento didático – pedagógico (Magalhães, 2008). No espaço deste artigo circunscrevemos as referências à investigação em manuais da disciplina de História.

Vários estudos têm sido publicados em Portugal como em outros países da Europa e da América com o objetivo de analisar a ideologia subjacente aos discursos dos manuais de História, numa perspetiva de análise de conteúdo.

Em Portugal, estas preocupações têm estado presentes em vários estudos como os de Torgal (1989) e Amado Mendes (1999). Torgal procurou discutir as relações da História com a ideologia, focalizando a sua atenção no período do Estado Novo e Amado Mendes estudou a relação entre o conceito de identidade nacional e ideologia em manuais portugueses no período pós 25 de Abril de 1974.

Mais recentemente, Maia (2010) discutiu como se materializam, nos manuais escolares, as visões sobre uma temática histórica ensinada em 17 países europeus – a Guerra Fria.

Em outros países europeus, a discussão relativa a visões particulares do passado nacional veiculado nos manuais escolares sobre temáticas comuns a vários países – a Segunda Guerra Mundial - foi preocupação dos investigadores ingleses Foster e Nicholls (2004, 2005).

Valls (2012), em Espanha, investigou o peso relativo que as temáticas relacionadas com os países ibero-americanos assume nos manuais escolares em vigor no Ensino Secundário (ESO). Este estudo circunscreveu-se à análise dos manuais adotados na região de Valência.

Rüsen (2012, p. 111) considera que há domínios em que a investigação empírica sistemática sobre manuais escolares (com particular destaque para os manuais de História) é ainda deficitária. São eles: a) a relação entre os critérios de análise dos manuais escolares e a sua utilização prática, que dê pistas para a sua conceção; b) utilização do manual em contexto de sala de aula; c) o uso e o papel que os manuais escolares desempenham verdadeiramente no processo de ensino e aprendizagem, ou seja, os conhecimentos que os professores acumulam nas suas aulas sobre as potencialidades e limitações do uso do manual escolar, pelo menos no que se refere à análise das disciplinas envolvidas no manual escolar de história: a historiografia e a didática da História.

Em Portugal, têm sido dados alguns passos no sentido de colmatar algumas das lacunas acima elencadas. Na linha de investigação em cognição situada, Moreira (2004) desenvolveu um estudo empírico com alunos a frequentar o 8.º ano de escolaridade (3.º Ciclo do Ensino Básico) com o objetivo de indagar como é que os alunos utilizam as fontes históricas propostas no manual escolar adotado e que conhecimentos substantivos constroem a partir dessas fontes e ainda, quais as principais dificuldades reveladas pelos alunos quando trabalham com fontes históricas. Num estudo com professores a lecionar o 8.º ano de escolaridade, Costa (2007) procurou

compreender a receção do manual pelo professor e a importância atribuída a este instrumento educativo, bem como a descrição de uma aula a partir de uma unidade temática - *O Renascimento* – com as fontes apresentadas em dois manuais.

Vários investigadores têm usado o manual escolar como base para delinear tarefas com o objetivo de indagar sobre a relação entre o manual escolar e a formação da consciência histórica, partindo de pressupostos construtivistas.

Na Alemanha, Borries, Bodo von Korber, Andreas y Meyer - Hamme (2006) desenvolveram um estudo centrado em manuais escolares que envolveu alunos do 6.º, 9.º e 12.º anos, estudantes universitários e professores. Os autores procuravam responder às seguintes questões: O que esperam os alunos dos manuais escolares? Como os utilizam, realmente? Até que ponto compreendem e introduzem uma conceção adequada de História? As conclusões foram pouco satisfatórias no que diz respeito à possibilidade de construção da “consciência histórica” através dos manuais escolares.

No Brasil, Medeiros (2005) invoca a definição de manual de história *ideal*, proposto por Rüsen, ou seja, aquele que é capaz de produzir um fluxo *passado – presente – futuro* como pressuposto teórico para a pesquisa que fez com centenas de alunos. A análise das respostas aos questionários de centenas de alunos, levaram o investigador à constatação de que a abordagem metodológica aos materiais didáticos apresentados nos manuais escolares influenciam a formação da consciência histórica.

O nosso estudo pretende colmatar uma das lacunas na investigação empírica sobre manuais escolares de História, apontados por Rüsen (2012), porque procura compreender o uso que professores e alunos fazem do manual escolar de *História A*, dentro e fora da sala de aula, e o uso das fontes do manual pelos alunos do Ensino Secundário.

2 Caracterização da metodologia do estudo

Este estudo procura indagar sobre o papel do manual de *História A* no desenvolvimento de competências históricas nos alunos, na perspetiva dos seus diretos utilizadores: professores e alunos do Ensino Secundário. Para compreender esta problemática formularam-se as seguintes questões de investigação: Que uso fazem professores e alunos do Ensino Secundário do manual de *História A* e das atividades aí propostas? Qual a relação entre as atividades aí propostas e a o desenvolvimento de competências históricas nos alunos?

Desenhou-se um estudo de natureza qualitativa, com uma amostra participante dentro de uma população alvo constituída por estudantes portugueses a frequentar o 10.º ano do Curso de Humanidades e professores de História a lecionar o mesmo ano de escolaridade. Empreendeu-se um processo sistematizado dentro do universo de escolas com Ensino Secundário, em Portugal Continental, selecionaram-se como participantes professores de História do ensino secundário e respetivos alunos que correspondessem a dois dos critérios que elegemos como essenciais: a diversidade geográfica e o manual adotado. A partir desta estratificação selecionaram-se cinco escolas do Norte e Centro-Sul do país com utilização de três manuais de *História A*-10.º ano diferentes.

Como a conceção dos instrumentos, de acordo com as questões de investigação enunciadas, requeria um enfoque situado numa temática histórica específica, selecionou-se o tópico do Programa da disciplina: “A Educação para o exercício público do poder” [na Grécia Antiga], considerando a significância atribuída pelos alunos à temática da educação nas fases preliminares do estudo de investigação. O tratamento equilibrado, em extensão e grau de exigência das tarefas propostas nos diferentes manuais e a possibilidade que estas ofereciam de respostas a um nível cognitivo elevado

foram também tidos em consideração na seleção do tópico e da tarefa proposta aos alunos no estudo final. Os instrumentos consistiram nos materiais propostos nos manuais adotados para o tópico já anunciado e um guião de entrevista semi - estruturada para a exploração das ideias dos alunos e dos professores sobre o uso desse recurso educativo, dentro e fora da sala de aula. Em fase posterior à exploração pelo professor do tópico sobre a educação ateniense, pediu-se aos alunos que resolvessem uma tarefa escrita com base nas propostas apresentadas no manual adotado para esse tópico programático.

Respeita-se o anonimato das escolas participantes atribuindo-lhe o nome de plantas e flores.

2.1 Análise de dados parciais

A análise dos dados recolhidos permitiu identificar perceções de professores e alunos sobre o manual como recurso pedagógico didático, como o usam dentro e fora da sala de aula, e o uso que os alunos fazem das fontes propostas no manual. Orientada pelas questões de investigação e com base nos dados recolhidos, criou-se um conjunto de dimensões e subdimensões. Neste artigo discutimos abreviadamente os resultados relativos à subdimensão 1B – *Objetivos do uso do manual escola, dentro e fora da sala de aula* e à dimensão 4 – *O uso de fontes do manual pelos alunos (num caso concreto)*.

Subdimensão 1 B: Objetivos do uso do manual escolar, dentro e fora da sala de aula

Em geral, todos os professores dizem utilizar as fontes do manual e o texto de autor, dentro da sala de aula. Alguns dizem usar também as atividades do manual para propor aos alunos trabalho com as fontes, em pares ou individualmente ou transformar em *questão orientadora* da aula. Outros

ainda, dizem que ajudam os alunos a analisar o texto dos autores e as fontes e elaboram sínteses e outros que se demonstram mais preocupações com a linha conceptual das temáticas e seguem o Programa oficial na apresentação dos conteúdos. Uma das professoras participantes justifica o uso que faz do manual (insistência na leitura prévia do texto do autor e interpretação com ajuda da professora) com a ausência de *requisitos básicos* por parte dos seus alunos como capacidades de leitura e de interpretação de um enunciado e o domínio de vocabulário elementar, retirando-lhes autonomia para trabalhar o manual e para a aprendizagem.

As ideias dos alunos sobre como usam o manual de História ou para quê o usam dentro e fora da sala de aula, podem ser assim sintetizadas:

- Dentro da sala de aula - para seguir a explicação do professor, para analisar as fontes e os textos de autor e para fazer exercícios.
- Fora da sala de aula – para rever a “matéria” ou estudar para os testes e para resolver exercícios.

Dimensão 4: Uso de fontes do manual pelos alunos (num caso concreto)

As respostas dos alunos participantes (=112) foram organizadas em duas dimensões: a Dimensão A- Interpretação de fontes e a Dimensão B - Síntese Inferencial. A dimensão A foi subdividida em duas subcategorias: A.1 - Interpretação de uma fonte e A.2 – Interpretação de várias fontes (que correspondem às questões que consideramos de complexidade fácil ou de complexidade intermédia). Na dimensão B incluem -se as respostas que correspondem às questões dos manuais que consideramos de complexidade elevada. As respostas dos alunos foram categorizadas em níveis de elaboração decorrentes da maior ou menor sofisticação quanto ao uso da *evidência*.

Quadro 1 - Distribuição das respostas na Interpretação de uma fonte

Níveis de elaboração	Nº Respostas
1. Incoerência e fragmentos	27
2. Interpretação parcelar da fonte	55
3. Interpretação objetiva da fonte	17
Não responderam	13
Total de alunos	112

Através do quadro anterior, constata-se que na interpretação de uma só fonte, cerca de 50% de respostas dos alunos situou-se no nível de Interpretação parcelar; seguindo-se, quantitativamente, o nível de Incoerência ou fragmentose, em menor número, o nível mais sofisticado de Interpretação objetiva da fonte. Não responderam a estas questões um total de 13 alunos. As respostas que se situam nos níveis de Incoerência ou Fragmentos e de Interpretação parcelar da fonte, denunciam que os alunos limitam a sua análise a alguns parágrafos cuja informação lhes parece adequada à(s) questão(ões) colocada(s). Globalmente, estes alunos não desenvolveram a competência de procurar as ideias – chave veiculadas por uma dada fonte. Contudo, é de realçar também, que 17 alunos já mostram esta competência a um nível mais elaborado.

O quadro 2 apresenta a distribuição das respostas dos alunos na categoria A.2. Interpretação de várias fontes.

Quadro 2 - Distribuição das respostas dos alunos na Interpretação de várias fontes

Níveis de elaboração	Nº Respostas
1. Incoerência ou fragmentos	22
2. Interpretação parcelar das fontes	50
3. Interpretação objetiva das fontes	18
Não responderam	22
Total	112

De acordo com o quadro anterior, o número mais elevado de respostas situou-se no nível de Interpretação parcelar das fontes, seguindo-se, quantitativamente o nível de Incoerência ou fragmentos e, em menor número, o nível mais sofisticado, Interpretação objetiva das fontes. O padrão identificado nos níveis de uso de uma só fonte mantém-se, nas suas linhas gerais, em relação à interpretação cruzada de fontes, ou seja, em termos quantitativos há maior ocorrência do nível de interpretação parcelar, seguida de uma interpretação incoerente ou com fragmentos de fonte(s) e, com menor frequência, o nível de interpretação objetiva de fonte(s). Contudo, é de realçar, que na interpretação cruzada de fontes duplicou a percentagem de alunos que não responderam.

O quadro 3 apresenta a distribuição das respostas dos alunos na Dimensão B – Síntese inferencial.

Quadro 3 - Respostas dos alunos nas questões de síntese

Níveis de elaboração	Respostas
1 A. Fragmentos e senso comum	42
1 B. Resumo genérico	45
2. Síntese pessoal e fundamentada	6
Não responderam	19
Total	112

Os dados do quadro 3 sugerem que a grande maioria dos jovens apresenta ou ideias fundamentadas nas fontes mas sem uma visão pessoal, ou ideias pouco fundamentadas mas com uma visão pessoal a nível de senso comum. Uma percentagem residual mostra uma síntese fundamentada nas fontes, contextualizada e veiculando uma posição pessoal. Este número de respostas no nível mais elaborado é mais reduzido do que em tarefas anteriores, o que pode ser explicado pela maior complexidade das questões que exigiam a

interpretação das mensagens das fontes, mobilização de conhecimentos para contextualização e a competência de argumentação pessoal, para além da simples regurgitação. Talvez este modelo de aprendizagem explique o facto de, salvo raras exceções de alunos “brilhantes”, serem precisamente os alunos que mostram um conhecimento menos consistente aqueles que apresentam uma atitude mais interventiva.

Reflexões

Embora possam usar outros materiais e fontes de informação, os professores parecem tender a privilegiar o uso do manual de História no processo de ensino e aprendizagem. Apesar dos manuais portugueses darem grande destaque às fontes diversificadas, respetivo questionamento e propostas de avaliação formativa dos alunos, verifica-se que o elemento do manual mais relevante para os professores é o texto de autor. O trabalho com fontes históricas com suportes e mensagens diversas é um dos fundamentos da Educação Histórica e continua a ser um desafio para os professores pois tornar os alunos capazes de interrogar as fontes, de compreendê-las pelo que são e pelo que elas podem dizer acerca do passado (*evidência*) não é um trabalho fácil mas é possível e desejável. O desenvolvimento do conceito de *evidência* nos alunos, implica a compreensão da relação *evidencial* da fonte histórica com o relato histórico ou afirmações sobre uma determinada temática.

Referências

- AMADO MENDES, J. Identidade nacional e ideologia através dos manuais de história. In: CASTRO, R. V. et al (Org.). *Ata do I Encontro sobre Manuais Escolares: estatuto, funções, História*. Braga: Universidade do Minho, 1999, p. 343-364.
- APPLE, M. *Manuais escolares e trabalho docente*. Uma economia política de relações de classe e de género na educação. Lisboa: Didáctica Editora, 2002.

BORRIES, B.; KORBER, A.; MEYER-HAMM, J. Uso reflexivo de los manuales escolares de historia: resultados de una encuesta realizada a docentes, alumnos y universitarios. *Enseñanza de las Ciencias Sociales. Revista de investigación*, Barcelona, n. 5, p. 3-29, mar. 2006.

COSTA, Alice. *Ideias de professores sobre a utilização de fontes dos manuais de História: Um estudo no 3.º ciclo do Ensino Básico*. Braga, 2007. Dissertação (Mestrado em Ciências da Educação) - Universidade do Minho, Braga, Portugal.

FOSTER, S.; NICHOLLS, L. Interpreting the Past, Serving the Present: US and English Textbook Portrayals of the Soviet Union During the Second World War. In: ASHBY R.; GORDON P.; LEE P. *Understanding History*, n. 4. p. 173-186, 2005.

FOSTER, S.; NICHOLLS, L. Quem Ganhou a 2ª Guerra Mundial? Retratos das Forças Aliadas nos Manuais de História das Escolas Norte-Americanas, Inglesas, Japonesas e Suecas. *Currículo sem Fronteiras*, v. 4, n. 2, p. 51-70, jul./dez. 2004.

MAGALHÃES, J. P. O manual como fonte historiográfica. In: COSTA, Jorge Vale; FELGUEIRAS, M.; CORREIA, L. Grosso (Orgs.). *Manuais escolares da Biblioteca Pública Municipal do Porto*. Catálogo da Exposição de Manuais Escolares na BPMP. Porto: Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação, 2008, p. 11-15.

MAGALHÃES, J. P. Um apontamento para a História do manual escolar. Entre a produção e a representação. In: CASTRO, R. V. et all (Org.). *Ata do I Encontro sobre Manuais Escolares: estatuto, funções, História*. Braga: Universidade do Minho, 1999, p. 279-302.

MAIA, C. *Aproximação e distanciamentos à Guerra Fria nos manuais escolares*. Porto, 2010. Tese (Doutorado em Letras) - Faculdade de Letras, Universidade do Porto, Portugal.

MEDEIROS, D. *A Formação da consciência histórica como objetivo do ensino de História no ensino médio: o lugar do material didático*. Curitiba, 2005. Tese (Doutorado em Educação) – Setor de Educação, Universidade Federal do Paraná.

MOREIRA, G. (2004). *O conhecimento histórico construído a partir das fontes domannual escolar*. Braga, 2004. Dissertação (Mestrado em Ciências da Educação) - Universidade do Minho, Braga, Portugal.

RÜSEN, J. *Aprendizagem Histórica. Fundamentos e paradigmas*. Curitiba: W. A. Editores, 2012.

TORGAL, L. R. *História e Ideologia*. Coimbra: Minerva Editora, 1989.

VALLS, M. La enseñanza española de la historia y su dimensión Iberoamericana. *Revista Didáctica de las Ciencias experimentales y sociales*, Barcelona, n. 26, p. 121-143, 2012.